

## A SIGNIFICAÇÃO E A DINAMICIDADE SOCIAL DOS ESPAÇOS PÚBLICOS URBANOS: A HISTÓRIA DE DUAS PRAÇAS E UMA RUA EM CAMPO MOURÃO/PR

### THE SIGNIFICANCE AND DYNAMICS OF PUBLIC URBAN SPACES: HISTORY OF TWO SQUARES AND A STREET IN CAMPO MOURÃO/PR

Thiago Bocon Andrade<sup>1</sup>  
Marcos Clair Bovo<sup>2</sup>

**Resumo:** Embora a representatividade social e o grau de importância das praças oscilem com o tempo, tais espaços fazem parte da organização do espaço urbano de toda e qualquer cidade. Como todo espaço público urbano, as praças possuem um significado que se faz pela própria dinâmica da sociedade na produção do espaço urbano. Tendo em vista a importância desses logradouros, o trabalho tem como objetivo conhecer a realidade de duas praças centrais e históricas em Campo Mourão/PR: Praça São José e a Praça Getúlio Vargas. Busca-se conhecer a realidade desses dois logradouros a partir do método geográfico proposto pelo geógrafo Milton Santos (1997), através das seguintes categorias de análise: estrutura, processo, função e forma.

**Palavras-chave:** praças, espaços públicos, dinâmica social, espaço urbano.

**Abstract:** Although the square's social representativeness and their degree of importance oscillate as time passes by, such spaces are part of the urban space organization in any city. Like any public space, the squares have a meaning that is built through the society's own dynamics in the production of the urban space. Given the importance of these spaces, the study aims to know the reality of two central and historic squares in Campo Mourão/PR: Sao Jose Square and Getulio Vargas Square. We look forward getting acquainted to the reality of these two squares based on the geographic method proposed by the geographer Milton Santos (1997), making use of the following analysis categories: structure, process, function and form.

**Key - words:** squares, public spaces, social dynamics, urban space.

---

<sup>1</sup> Graduando em Geografia/ Licenciatura. Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão – FECILCAM. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/ CNPQ. Pesquisa desenvolvida junto ao Núcleo de Pesquisa Multidisciplinar – NUPEM/ FECILCAM. Integrante do Grupo de Estudos Urbanos da FECILCAM-GEURF. E-MAIL: thiagobocon@bol.com.br

<sup>2</sup> Professor adjunto do curso de Geografia/Fecilcam. Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão/ FECILCAM. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Integrante do Grupo de Estudos Urbanos da FECILCAM-GEURF. E-MAIL: mcbovo@yahoo.com

## Introdução

As praças compreendem formas espaciais que caracterizaram a organização do espaço urbano desde os tempos mais remotos. Como logradouros públicos por excelência, as praças constituem importantes referenciais urbanos que apesar de se materializarem sob diferentes “desenhos” sempre revelaram a necessidade, perpetuada até hoje, de se ter, em meio à cidade, um espaço comum de socialização. Assim é que “a origem da praça está relacionada às ágoras das cidades gregas e romanas, onde todos os cidadãos podiam manifestar suas ideias a respeito de qualquer problema” (GRAEFF, 1986, p.130).

Este espaço (a praça), sendo aberto e livre, cria condições para que nele se produzam realizações e relações sociais que possibilitam e dão sentido à vida urbana, que resguarda historicamente em sua essência a ideia de convivência humana, sendo as praças, talvez, a maior simbologia disso. Para Spirn (1995, p. 89) as praças “são lugares para ver e ser visto, para comprar e fazer negócios, para passear e fazer política”.

Para Segawa (1996, p. 31), “a praça é um espaço ancestral que se confunde com a própria origem do conceito ocidental urbano”.

Os pesquisadores Robba e Macedo (2002, p. 17), ao realizarem o estudo das praças brasileiras, consideram as premissas básicas ao elaborar um conceito para esses espaços: uso e acessibilidade. Concordamos com esses autores quando conceituam praças como “espaços livres urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos”.

No caso do nosso país, as praças surgiram no entorno das igrejas e constituíram os primeiros espaços livres públicos urbanos. Tais logradouros atraíam as residências mais luxuosas, os prédios públicos mais importantes e o principal comércio, além de servirem como espaços de convivência da comunidade e como elo desta com a paróquia. Assim, “logradouro público por excelência, a praça deve sua existência, sobretudo, aos adros das nossas igrejas” (MARX, 1980, p.50).

Considerada em um viés geográfico, a praça representa muito mais que um espaço físico composto por mobiliários urbanos, paisagismo ou arborização. Ela representa um espaço característico pela qual se manifestam as relações sociais na cidade que se tornam mais perceptíveis em logradouros públicos. Nesse sentido “a praça vista como espaço geográfico impõe um desafio que é de captá-la enquanto fato dinâmico, onde desfila não só a individualidade de seus passantes e ocupantes, mas, sobretudo o *continuum* da coletividade” (DE ANGELIS, 2000, p.39).

Tendo em vista a importância desses logradouros, o trabalho tem como objetivo conhecer a realidade de duas praças centrais e históricas em Campo Mourão/PR: Praça São José e a Praça Getúlio Vargas. Busca-se conhecer a realidade desses dois logradouros a partir do método geográfico proposto pelo geógrafo Milton Santos (1997), através das seguintes categorias de análise: estrutura, processo, função e forma.

De acordo com Santos (1997), a forma é o aspecto visível de uma determinada coisa, ou seja, corresponde a um objeto ou um arranjo ordenado de objetos, por exemplo, as duas praças centrais de Campo Mourão.

A função é caracterizada como atividade essencial de qualquer forma espacial, no caso das praças e dos parques, a função ecológica, o lazer, a estética.

Tanto a forma como a função não podem estar dissociadas de outro elemento que compõe a organização do espaço: a estrutura. Esta estabelece a inter-relação das diversas partes que compõem o social. Por sua vez, o processo é ação contínua

que se desenvolve com a história. Neste sentido, envolve conceitos de tempo, continuidade e mudança.

## **Metodologia**

Para a realização da pesquisa foram selecionadas as duas praças centrais de Campo Mourão/ PR – Praça São José e Praça Getúlio Vargas, estudadas a partir de quatro categorias de análise espacial: estrutura, processo, função e forma – método geográfico proposto por Santos (1997). Essas categorias nos possibilitam entender que o espaço é um produto social em permanente processo de transformação. Consideradas em conjunto e relacionadas entre si, as categorias estrutura, processo, função e forma permitem a construção de “uma base teórica e metodológica a partir da qual podemos discutir os fenômenos espaciais em totalidade” (SANTOS, 1997, p.52).

Na organização da pesquisa adotamos os seguintes procedimentos: pesquisa bibliográfica, levantamento de campo e análise dos resultados. Desse modo, foram realizados estudos bibliográficos de teses, dissertações, livros, artigos, revistas, jornais e textos eletrônicos relacionados às áreas verdes urbanas, com o objetivo de buscar fundamentação teórica para a sustentação e elaboração do estudo das duas praças de Campo Mourão.

Foi realizado levantamento da memória das duas praças centrais, desde seus primórdios, sua construção, as revitalizações pelas quais passaram até sua configuração nos dias de hoje. Assim, buscou-se resgatar as mudanças ocorridas ao longo do tempo por meio de documentos originais, fotografias e artigos de jornais locais e regionais que descrevessem o período de construção das praças, sua evolução e a maneira de utilização destes espaços públicos e livres pela população.

Também foi necessário visitar os órgãos públicos responsáveis pela administração das duas praças centrais, com o objetivo de colher dados oficiais referentes a seu funcionamento e à legislação que as rege.

## **Discussões**

As praças centrais de Campo Mourão (figura 1) são testemunhas incontestáveis do quanto o espaço urbano é dinâmico e de que a sua produção é constante pela sociedade no decurso do tempo. Tais praças compartilham uma história bastante peculiar desde que foram criadas, especialmente pelo caráter histórico de proximidade das mesmas, sendo separadas atualmente apenas por uma rua - a Rua Brasil -, que em certo ponto as distingue.

Historicamente, ambas as “praças” compunham, na década de 1940, apenas a condição de espaço entorno à igreja São José, que, desde cedo, resguardou para si – justamente com a intenção de transformar em logradouro – um espaço complementar para realizações religiosas. O historiador Pedro da Veiga (1999, p. 5) afirma que “em 1945 eram lançadas em definitivo, as bases do Patrimônio de Campo Mourão com o mapeamento da área [...], onde foram demarcados os primeiros quarteirões do futuro núcleo urbano”.

Com a consolidação da malha urbana da cidade, em 1950, sob a forma de tabuleiro de xadrez, uma rua – a Rua Brasil – passou a cortar a imensa área situada no entorno da igreja, fragmentando-a em dois espaços, que, a partir de então, adquiriram novas funções e formas. O espaço do entorno da Igreja São José (atual

Praça São José) consolidou-se como o espaço do “sagrado”<sup>3</sup>, enquanto que o outro (atual Praça Getúlio Vargas), que sofrera uma descontinuidade do templo religioso pela passagem da Rua Brasil, converteu-se em espaço do “mundano”<sup>4</sup>, destinado as mais variadas formas de lazer, onde “ocorriam corridas de cavalos e jogos de futebol” (VEIGA, 1999, p.10).



H Figura 1 – Localização das praças centrais de Campo Mourão. Abrigando a igreja, a Praça São José e ao seu lado, a Praça Getúlio Vargas.

Fonte: Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira, adaptado pelo autor, 2010.

istorica  
mente,  
ambas

as “praças” compunham, na década de 1940, apenas a condição de espaço entorno à igreja São José, que, desde cedo, resguardou para si – justamente com a intenção de transformar em logradouro – um espaço complementar para realizações religiosas. O historiador Pedro da Veiga (1999, p. 5) afirma que “em 1945 eram lançadas em definitivo, as bases do Patrimônio de Campo Mourão com o mapeamento da área [...], onde foram demarcados os primeiros quarteirões do futuro núcleo urbano”.

Com a consolidação da malha urbana da cidade, em 1950, sob a forma de tabuleiro de xadrez, uma rua – a Rua Brasil – passou a cortar a imensa área situada no entorno da igreja, fragmentando-a em dois espaços, que, a partir de então, adquiriram novas funções e formas. O espaço do entorno da Igreja São José (atual Praça São José) consolidou-se como o espaço do “sagrado”<sup>5</sup>, enquanto que o outro (atual Praça Getúlio Vargas), que sofrera uma descontinuidade do templo religioso pela passagem da Rua Brasil, converteu-se em espaço do “mundano”<sup>6</sup>, destinado as mais variadas formas de lazer, onde “ocorriam corridas de cavalos e jogos de futebol” (VEIGA, 1999, p.10).

<sup>3</sup> Ao sagrado, nos referimos a uma conotação de cunho religioso ligado especialmente à Igreja.

<sup>4</sup> Ao mundano, nos referimos a realizações sociais desconectadas de um sentido religioso como afirmações políticas, econômicas e sociais as mais variadas.

<sup>5</sup> Ao sagrado, nos referimos a uma conotação de cunho religioso ligado especialmente à Igreja.

<sup>6</sup> Ao mundano, nos referimos a realizações sociais desconectadas de um sentido religioso como afirmações políticas, econômicas e sociais as mais variadas.

Apenas uma rua separava o “espaço do mundano” do “espaço do sagrado”, ainda que nessa época não fossem oficialmente praças, embora evocassem a idéia intrínseca de logradouros públicos urbanos de uso comum. A partir da década de 1950, estes dois espaços passaram a se diferenciar quanto suas funções; um se identificando com uma significação mais religiosa – “Praça São José” – e outro com uma significação mais mundana e eclética – “Praça Getúlio Vargas”.

A oficialização de ambos os logradouros – Praça Getúlio Vargas e Praça São José – só ocorreu, respectivamente, no final da década de 1950 e na segunda metade da década de 1960, quando passaram a ser constituídos por uma série de mobiliários urbanos. De uma maneira ou de outra, é inerente à ideia de que, entre as décadas de 1950 e 1980, os espaços e, mais tardiamente, as praças, mesmo sendo separadas fisicamente apenas por uma rua, constituíram e moldaram suas identidades de maneira que se diferenciaram quanto as suas formas e funções, assumindo significações distintas: a Praça São José como praça da igreja, abrigando o templo religioso (espaço sagrado), e a Praça Getúlio Vargas como a praça da cidade (local de afirmações sociais, políticas, econômicas, cívicas, desconectadas de sentido religioso).

No entanto, a partir da década de 1980, com a finalização das obras da Catedral da cidade (construída no lugar da antiga igreja São José), o poder público resolveu edificar um espaço imponente ao novo templo religioso – fato que se materializou com a construção de um calçadão (figura 2) entre as duas praças centrais, fechando a antiga Rua Brasil (que no passado as separava) e, em corolário, gerando a falsa impressão da existência de uma única praça, quando, na verdade, oficialmente sempre representaram dois logradouros distintos.



Figura 2 – Aspecto do “calçadão” que na década de 1980 uniu fisicamente as praças centrais de Campo Mourão.

Fonte: Museu Municipal Deolindo Mendes Pereira, adaptado pelo autor, 2010.

O calçadão, construído em 1980, entre as duas praças centrais, as uniu fisicamente, gerando uma nova dinâmica social. Com sua construção, sagrado e

mundano passaram não mais se restringir aos seus espaços originais, ou seja, o sagrado na Praça São José e o mundano na Praça Getúlio Vargas, gerando uma confusão quanto à identidade e significação dos logradouros no contexto da organização do espaço urbano da cidade.

O abandono das duas praças, especialmente a partir da segunda metade da década de 1990, afastou as famílias e conseqüentemente estimulou a apropriação dos espaços por grupos urbanos específicos, como das prostitutas, dos mendigos, dos andarilhos, etc. Assim, em 2004, o poder público, assentado na perspectiva de resgatar o sentido histórico dos logradouros, resolveu revitalizá-los, reabrindo inclusive a Rua Brasil. Mesmo assim, o caráter histórico de proximidade das duas praças acabou por incentivar a idéia da reforma dos logradouros em sentido conjunto e em caráter de complementaridade, onde, por exemplo, vários dos mobiliários das duas praças foram totalmente padronizados.

A reabertura da Rua Brasil em 2004, voltando a separar fisicamente as duas praças, não significou a recuperação da identidade e função original das mesmas, pois apontamos que a construção do calçadão, unindo as duas praças por mais de 20 anos, ignorou o passado histórico dos logradouros que, originalmente, se constituía pelo aspecto “sagrado” da Praça São José e pelo aspecto “mundano” da Praça Getúlio Vargas, tendo a Rua Brasil como referência.

Com a construção do calçadão que fechou a Rua Brasil, “sagrado” e “mundano” não passaram mais a conviver lado a lado, separados pela rua, mas passaram a coexistir no espaço das duas praças em conjunto, levando a uma descaracterização histórica das mesmas. Isso foi ainda mais reforçado com a revitalização que padronizou os logradouros em 2004, acentuando a dependência física dos dois espaços, tão característica nos dias de hoje, sendo comum mesmo entre os próprios mourãoenses a falsa idéia de “uma rua que passa no meio da praça”, quando na verdade são duas praças delimitadas por uma rua.

### **Considerações Finais**

Mesmo possuindo como ancestral comum a igreja São José, a dinâmica peculiar da área de estudo deve-se justamente à disposição espacial de três elementos: Praça São José – Rua Brasil – Praça Getúlio Vargas. A dinamicidade característica pode ser traduzida na situação atual e contraditória apresentada pelos dois espaços ou praças, que se refletem, por exemplo, na viabilidade ou inviabilidade da Rua Brasil. Do ponto de vista funcional, a rua é questionável já que as duas praças foram revitalizadas em 2004, em caráter de complementaridade em seus mobiliários e se tornaram funcionalmente dependentes. Mas do ponto de vista histórico, a Rua Brasil é pertinente, pois é a partir dela que se constituem dois logradouros com funções originalmente distintas, que se dinamizaram no transcorrer do tempo.

### **Referências**

DE ANGELIS, Bruno Luís Domingos de. **A Praça no Contexto das Cidades**: o caso de Maringá-PR. Tese de (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

GRAEFF, E. A. **Edifício**. São Paulo: Editora Projeto, 1986 (Cadernos Brasileiros de Arquitetura, 7).

MARX, Murilo. **Cidade Brasileira**. Melhoramentos. Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

ROBBA, F; MACEDO, S.S. **Praças Brasileiras**: Public Squares in Brazil. São Paulo. Edusp: Imprensa oficial do Estado. 2002.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo. Nobel, 1997.

SEGAWA, H. **Ao Amor do Público**: jardins públicos. São Paulo, Studio Nobel: Fapesp. 1996.

SPIRN, A. W. **O Jardim de granito**: a natureza no desenho da cidade. Tradução de: Paulo Pellegrino. São Paulo. Ed. Universidade de São Paulo, 1995.

VEIGA, Pedro da. **Campo Mourão: Centro do Progresso**. Maringá, 1999.

*Recebido em 7 de novembro de 2010.*

*Revisado em 22 de janeiro de 2011.*

*Aceito em 22 de fevereiro de 2011.*